

ENSINO APRENDIZAGEM DOS RECURSOS LINGÜÍSTICOS POR MEIO DA PRÁTICA DE REFACÇÃO DE TEXTO

Luzinete Silva Macedo (UFT)

luzinetesms@yahoo.com.br

Zenaide Gomes de Oliveira (UFT)

zenaide_oliveira10@hotmail.com

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFT)

luizpeel@mailuft.edu.br

RESUMO

Como professoras de língua portuguesa, vimos a necessidade de repensarmos o trabalho com a escrita em aulas língua portuguesa, para que esse seja mais produtivo. Pautadas em discussões que apresentam novas perspectivas de abordagens no ensino de língua, bem como, no trabalho com o texto em sala de aula [(2003; 2007, 2010), Bagno (2001), Geraldi (1997; 2006); Possenti (2008)] apresentamos a prática de refacção de texto como metodologia de ensino da modalidade escrita, tendo o texto do aluno como foco desse processo ensino aprendizagem. Assim, como já proposto nos PCN (2001), realizamos a prática de produção e refacção de textos, no caso uma carta de solicitação, com alunos de 9º ano de uma escola municipal em Buriti – TO, numa perspectiva contínua e ligada aos gêneros textuais. Nessa atividade de refacção, os alunos leram e refizeram seus textos individualmente e, sob nossa orientação, revisaram aspectos gramaticais, textuais e discursivos, fazendo as devidas adequações para a norma culta da língua. Percebemos que essa prática, embora demorada e complexa, contribui no processo de formação efetiva dos alunos enquanto leitores e escritores, pois possibilita ao aluno refletir o uso da língua em seu próprio texto, e reconhecer alguns problemas que só por meio do olhar auto reflexivo é possível identificar.

Palavras-chave:

Prática de refacção. Adequação da linguagem. Competência linguística

1. Introdução

Nesse trabalho apresentamos resultados da prática de ensino de língua portuguesa a partir da refacção de textos de alunos, nesse caso, a

partir da produção e revisão de uma carta de solicitação produzida pelos alunos em sala de aula. Essa atividade escrita foi realizada em quatro turmas de 9º ano em uma escola pública no município de Buriti – TO.

Como professoras de língua portuguesa, utilizamos essa prática de refacção de texto do aluno como uma metodologia para o ensino da norma culta em sua modalidade escrita, tendo como referência a proposta apresentada nos *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* do ensino fundamental (5ª a 8ª séries), quando trata da questão da prática de produção e refacção de texto na análise linguística. Nesse processo de refacção, enfocamos aspectos gramaticais, discursivos e de textualidade que contribuem para a coerência do texto, e assim, para o aprendizado da escrita, que é o foco desse trabalho, por meio do reconhecimento e uso adequado dos recursos da língua.

Essa prática foi instigada a partir da necessidade de efetivamente realizarmos o ensino de língua portuguesa a partir dos problemas apresentados pelos alunos em suas escritas, pois entendemos que um ensino que parta das dificuldades do sujeito aprendiz (expressa na materialidade textual) traz melhores resultados no que se refere ao aprendizado e uso adequado dos recursos linguísticos.

Nesse sentido, uma inquietação norteou nossa prática, a saber: como realizar o ensino da norma culta, de forma que, os conhecimentos (sejam gramaticais, discursivos e textuais) apreendidos pelos alunos, pudessem ser usados efetivamente em suas práticas de uso da língua (leitura, escrita, oralidade), mais especificamente na escrita.

Nessa perspectiva, acreditamos que a prática de refacção textual, de maneira contínua e, inserida na perspectiva dos gêneros textuais, realizada pelo aluno por meio da mediação do professor tem muito a contribuir no processo de ensino. E, reconhecemos, ainda, que as concepções de ensino, de língua e de gramática (quer seja normativa, descritiva, ou intuitiva) adotada pelo professor, estão diretamente relacionadas na formação dos sujeitos aprendizes. Haja vista que, esses sujeitos podem, por um lado, aprender a usar a escrita de forma autônoma e competente, e, por outro lado, não conseguirem se inserir adequadamente nas práticas de uso da escrita devido a uma formação deficitária, resultado de práticas de ensino mecânicas e artificiais.

Assim, questões que envolvem a escrita de um texto, como questões gramaticais - a adequação dos verbos em suas flexões - modo, tempo e pessoa; a adequação do vocabulário; uso adequado dos tipos de frases,

em função do propósito comunicativo do texto, e ainda a revisão da organização e pontuação do texto, dentre outros aspectos, podem e devem ser trabalhadas nesse processo de refacção realizado pelo aluno. Uma vez que por meio dessa prática contínua é que os sujeitos se constituem como sujeitos do seu dizer e, para tanto, vão se apropriando dos conhecimentos de que necessitam para realizar essa atividade de forma satisfatória.

Com base nessas questões apresentadas acima, objetivamos realizar essa prática de refacção textual como metodologia de ensino da norma culta da língua, possibilitando ao aluno o conhecimento da diversidade de recursos da língua e, da necessidade de adequação desses para atender ao propósito comunicativo de seu texto, refletindo assim sobre sua própria escrita.

2. Revisão de literatura

2.1. A refacção textual

Para realização dessa prática de refacção textual, tomamos o texto do aluno como instrumento produtivo no processo para a formação plena dos sujeitos aprendizes, sujeitos que saibam lidar com a escrita de forma competente. Concordamos, assim, com Geraldi (1997, p. 135) quando aponta o texto como um objeto privilegiado no trabalho em sala de aula: “... considero a produção de textos (orais e escritos) como ponto de partida (e ponto de chegada) de todo o processo de ensino/ aprendizagem da língua...”. Essa prática, realizada constantemente no processo de ensino aprendizagem, é um meio viável no que se refere ao ensino de aspectos da norma culta (elementos gramaticais, discursivos...), considerando a situação de produção e o gênero textual, tendo em vista que, de acordo com Antunes (2010, p. 175):

O sentido de qualquer texto se constrói na articulação: entre as partes e o todo, entre o lexical e o gramatical, entre o linguístico e o pragmático, entre o texto e a situação de comunicação. Qualquer isolamento de um desses elementos reduz a significação e a funcionalidade das ações de linguagem.

Compartilhamos, ainda, da premissa de que, de acordo com Bagno (2001, p. 66) “O objetivo do ensino de língua deve ser estimular a expressão das experiências dos diferentes sujeitos, permitir que eles assumam sua palavra, que se tornem sujeitos de seu discurso”.

Nesse sentido, dentre as propostas de atividade para produção de textos escrito, constantes nos *Parâmetros Curriculares Nacionais de*

Língua Portuguesa de ensino fundamental (5ª a 8ª séries), a saber atividades de transcrição, reprodução, decalque e, de produção que envolve a autoria, identificamos a atividade de refacção aqui apresentada com a atividade de decalque que “funcionam quase como modelos lacunados: as questões formais já estão prontas em parte definidas pelo caráter altamente convencionalizado dos gêneros, como nos requerimentos ou cartas comerciais.” (PCN, 2001, p. 76) Uma vez que, os alunos usaram a carta de solicitação, com estrutura genérica estabelecida, para reivindicar direitos, assumindo assim, a autoria no aspecto “o que dizer”, cabendo a esses se adequarem ao gênero. Nesse aspecto é que se constituiu nossa intervenção, de orientá-los no momento de expor o que dizer e como dizer.

Nessa orientação, levamos em conta o que postula os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (2001, p. 77) “... o olhar do educador para o texto do aluno é preciso deslocar-se da correção para a interpretação; do levantamento de faltas cometidas para a apreciação dos recursos que o aluno já consegue manobrar.” Dessa forma, ao longo da atividade de refacção, procuramos partir do que já apresentava o texto do aluno, direcionando a tarefa de refacção para a adequação do léxico, revisão de questões gramaticais, discursivas, levando em conta o gênero proposto para produção.

Quanto a essa atividade de refacção, ainda de acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (2001, p. 77) “A refacção faz parte do processo de escrita: durante a elaboração de um texto, se releem trechos para prosseguir a redação, se reformulam passagens. Um texto pronto será quase sempre produto de sucessivas versões. Tais procedimentos devem ser ensinados e podem ser aprendidos.” Assim, por um lado, possibilitamos ao aluno refletir sobre seu próprio texto, como é afirmado nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (2001, p. 77) essa prática: “permite que o aluno se distancie de seu próprio texto, de maneira a poder atuar sobre ele criticamente.” Por outro, para o professor, essa prática de refacção se apresenta como um instrumento viável no trabalho de análise linguística, como observamos nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (2001, p. 80):

Tomando como ponto de partida o texto produzido pelo aluno, o professor pode trabalhar tanto os aspectos relacionados às características estruturais dos diversos tipos textuais como também os aspectos gramaticais que possam instrumentalizar o aluno no domínio da modalidade escrita da língua.

Assim, a prática de refacção de texto realizada pelo aluno, com a mediação do professor, se configura num instrumento profícuo no ensino

de língua portuguesa, já que nesse processo articula-se os três eixos para o ensino de língua portuguesa (proposto nos PCN), a saber: práticas de leitura, produção de texto e análise linguística. Nesse sentido, como afirma Geraldi (2006, p. 74-74) “a análise linguística que se pretende partirá não do texto ‘bem escritinho’ do bom autor selecionado pelo ‘fazedor do livro didático’. Ao contrário, o ensino de gramática somente tem sentido para auxiliar o aluno. Por isso partirá do texto dele.” Por meio dessa prática o aluno participa de forma ativa no processo ensino-aprendizado, uma vez que fornece a matéria para estudo (no caso, seu próprio texto) e se envolve na atividade ativamente, lendo, relendo, reescrevendo seu texto. Considerando esses aspectos da refacção, de acordo com Bagno (2001, p. 65):

...o que nos *resta* a fazer não é nenhum *resto*, mas simplesmente *tudo* e só o que temos de fazer: desenvolver a prática da leitura e da escrita. Da releitura e da reescrita, da rereleitura e da rereescrita, sem a necessidade de decorar nomenclaturas (sejam elas as tradicionais ou as de alguma teoria moderna) nem de empreender exercícios mal formulados e incongruentes de análise descrição mecânica dos fatos gramaticais...

Destacamos que essa atividade de refacção foi realizada na seguinte perspectiva: “refacção que se opera não é mera higienização, mas profunda reestruturação do texto, já que entre a primeira versão e a definitiva uma série de atividades foi realizada” (PCN, 2001, p. 77). Sendo assim, apresentamos duas versões das produções escritas dos alunos, contendo alterações bem marcadas, tanto de ordem estrutural quanto de conteúdo.

Ressaltamos, ainda, que nesse processo, intentamos orientar os alunos no uso da linguagem para expressarem o seu propósito comunicativo de maneira coerente e objetiva, como destaca Possenti (2008, p. 06) esse tipo de trabalho tem como objetivo “...tornar o texto mais adequado a uma certa finalidade, a um certo tipo de leitor, a um certo gênero.” Quanto a essa questão do propósito comunicativo, Antunes (2010, p. 69) afirma que: “Nenhum texto acontece sem uma finalidade qualquer, sem que se pretenda cumprir com ele determinado objetivo [...] Esse propósito, que é parte de qualquer atividade de linguagem, pode ser apontado como: expor, explicar, convencer, persuadir, defender um ponto de vista...” No caso do texto proposto para refacção, uma carta de solicitação, os alunos deveriam expor suas necessidades quanto ao espaço escolar e solicitar mudanças, para tanto deveriam refazer seus textos para melhor explicitar tal propósito.

Para essa explicitação do propósito comunicativo, na escrita de um texto, recorre-se a diversos recursos da língua. Um desses recursos tem relação com a adequação do vocabulário, como destaca Antunes (2010, p. 178):

... a seleção lexical de um texto concorre para o estabelecimento de sua coerência, para a definição de sua unidade semântica [...] o léxico tem uma função significativa na estruturação do texto, na construção de seus sentidos, na definição de sua adequação às condições sociais de seus contextos de uso.

Além desse aspecto da revisão lexical, foi ainda elencado no processo de refacção, outros elementos, como: adequação dos verbos, questões de ordem textual e discursiva, pois entendemos que, conforme Antunes (2007, p. 129): “...o texto não é a forma prioritária de se usar a língua. É a *única forma*. A *forma necessária*. Não tem outra. A gramática é constitutiva do texto, e o texto é constitutivo da atividade de linguagem. Tudo o que nos deve interessar no estudo da língua culmina com a exploração das atividades textuais e discursivas.” A partir dessa perspectiva de refacção, exposta acima, é que foi encaminhada essa atividade junto aos alunos.

2.2. A questão do gênero na prática de refacção

A adequação da linguagem ao gênero carta de solicitação foi outro elemento trabalhado nessa atividade de refacção. Quanto a esse aspecto, dos gêneros textuais, de acordo com Marcuschi (2008, p. 155) “os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastantes estáveis, histórica e socialmente situadas”. E ainda “entidades comunicativas em que predominam os aspectos relativos a *funções, propósitos, ações e conteúdo*” (MARCUSCHI, 2008, p. 159). Como se observa, o texto produzido pelos alunos atende a esses aspectos: uma carta de solicitação – com organização já definida; propósito comunicativo também já determinado – reivindicar direitos, ou antes, solicitar melhorias para a escola; com uma função social marcada – usa-se a carta de solicitação como documento oficial para solicitar algo.

Nessa perspectiva, para esse trabalho com os gêneros em sala de aula, se fez necessário considerar, ainda, os aspectos composicionais, linguísticos e de significação, ou seja, o estudo textual, quanto e a exploração dos aspectos sociocultural da produção e circulação dos gêneros, como destacam Santos; Mendonça; Cavalcante (2007, p. 40-41): “o trabalho com textos e a exploração da constituição dos gêneros são parcei-

ras inseparáveis para a realização de um trabalho de qualidade já que, não podemos separar um do outro, pois a textualidade se manifesta num gênero textual específico e, obviamente, os gêneros se materializam em textos”.

Essa articulação é necessária para que o aluno se aproprie dos conhecimentos referentes ao funcionamento, objetivos e organização do gênero trabalhado. Assim, a partir do reconhecimento da função, dos objetivos da carta de solicitação, os alunos escreveram a carta, expondo suas necessidades quanto a mudanças no espaço escolar, solicitando providências das autoridades competentes.

2.3. Concepções que perpassam o processo de ensino aprendizagem

Assim, como a noção de gênero, a questão das concepções de língua e gramática adotada pelo professor e pela escola também são pertinentes para essa discussão. Pois, percebemos e reconhecemos que essas concepções têm implicações diretas na maneira como se trabalha a questão da escrita do aluno, bem como no trabalho com a realidade linguística desse, e com o ensino da norma culta.

Observa-se, portanto, que esse ensino pode ser realizado em diferentes perspectivas: de forma modelar, enfatizando-se uma variedade da língua regida pela gramática tradicional, como destaca Mattos e Silva (2000, p. 13) “aquilo a que a gramática tradicional remete podemos ver que ela reforça o ‘dialeto da elite’, que ela reforça padrões de uso que são próprios a uma classe dominante, que seu ensino [...] faz silenciar os outros usos”. Nessa perspectiva considera-se a língua como homogênea, deixando-se a margem os demais usos da língua. Outra forma é a que resume o ensino da língua às nomenclaturas gramaticais, descrevendo a gramática da norma padrão. Para Franchi (2006, p. 23) “a gramática descritiva se transforma em um instrumento para as prescrições da gramática normativa”, estando, portanto essa gramática descritiva interligada à gramática tradicional. E ainda, pode-se realizar o ensino de língua portuguesa partindo dos usos da língua, de acordo com as situações de interação considerando o conhecimento que o aluno já possui quanto a gramática que usa no seu cotidiano, considerando assim a gramática intuitiva. Quanto a essas concepções e formas de abordagem das questões gramaticais, Bagno (2001, p. 59) afirma que:

ensinar a norma-padrão é algo que independe das aulas de gramática tradicionais, da decoreba de nomenclaturas técnicas, memorização de conceitos incompletos ou facilmente desmentíveis [...] Para ser um bom usuário dos recursos da língua, o aluno tem de ser posto em contato permanente e intenso com texto falados e escritos de onde ele possa depreender esses recursos.

Assim, a prática de refacção do texto do aluno representa uma possibilidade do “contado permanente” de que fala Bagno, para que o aluno possa reconhecer os recursos de que dispõe, e usar a escrita de forma competente, efetivar a interação com seu leitor, usando tais recursos adequadamente em seu texto.

3. *Procedimentos metodológicos*

Pensando no processo de produção textual a partir das reais necessidades do aluno em sala de aula, propomos a eles que escrevessem sobre algumas situações e solicitações que gostariam de fazer para terem mais conforto e melhorar a convivência na escola entre alunos, professores e demais servidores da Unidade Escolar. A partir daí, os alunos de 9º ano da Escola Estadual Vicente Carlos de Sousa, localizada no município de Buriti do Tocantins, no estado do Tocantins, produziram textos fazendo suas reivindicações ao diretor da escola.

Esse processo de refacção foi realizado individualmente, sob nossa orientação. Pedimos para que os alunos lessem seu texto, a partir dessa leitura orientamos para que refletissem sobre o seu intuito comunicativo, se tinha conseguido expressar o que queria dizer, se havia problemas. A partir da autorreflexão os alunos foram adequando seus textos para que atendessem de maneira satisfatória o que eles queriam expressar por meio da escrita, atentando para as características do gênero em que se inseria a escrita.

Essa atividade de refacção foi desenvolvida considerando-se o processo em si, revendo estratégias para melhor orientar os alunos nessa atividade. Nesse sentido, nossa abordagem se insere na perspectiva qualitativa de pesquisa, considerando que, de acordo com Triviños (1987, p. 128-130):

1ª A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave. 2ª A pesquisa qualitativa é descritiva. 3ª os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto. 4ª. tendem a analisar seus dados indutivamente. 5ª o significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.

Nesse processo de refacção, acompanhamos as etapas de produção e refacção dos textos, instruindo e orientando os alunos para que conseguissem alcançar os objetivos propostos, resolver problemas na escrita do texto superando suas dificuldades. Desse modo, nos preocupamos com o percurso da refacção, não somente com a última versão dos textos, assumindo assim a perspectiva qualitativa de pesquisa. Para os alunos, a refacção foi o momento em que os alunos se voltaram para seus textos, refletiram sobre os mesmos e puderam perceber os problemas de ordem gramatical e discursiva para então corrigi-los, residindo aí o maior propósito dessa atividade: o ensino aprendizagem dos recursos da língua por meio da refacção de texto. Nessa perspectiva, de acordo com Bortoni-Ricardo (2008, p. 32) “as escolas e especialmente as salas de aula, provaram ser espaço privilegiados para a condução de pesquisa qualitativa, que se constrói com base no interpretativismo”.

O tipo de pesquisa que nos parece compatível dentro dessa perspectiva, é a pesquisa-ação. Esse tipo de pesquisa é reconhecidamente atribuído a Kurt Lewin, segundo André (2012, p. 31) “Lewin era um estudioso das questões psicossociais e pretendia, com esse tipo de pesquisa, investigar as relações sociais e conseguir mudanças em atitudes e comportamentos dos indivíduos.”. De acordo com Prado e Cunha (2007, p. 35) esta pesquisa é “também conhecida como intervenção, envolve um plano de ação baseados em objetivos, um processo de acompanhamento e controle da ação planejada [...] Esse tipo de pesquisa costuma estar associado a um caráter de diagnóstico, de orientação e avaliação de ações e decisões.”

Segundo alguns autores, a realização dessa pesquisa é viável nas práticas de sala de aula, como destaca André (2012, p. 31)

Um exemplo clássico é o professor que decide fazer uma mudança na sua prática docente e a acompanha com um processo de pesquisa, ou seja, com um planejamento de intervenção, coleta sistemática dos dados, análise fundamentada na literatura pertinente e relato dos resultados.

Dessa forma, nosso trabalho de pesquisa se configura com base na pesquisa-ação, na medida em que, a partir da observação do problema das dificuldades dos alunos no que se refere à produção de texto, nos propomos a realizar a atividade de refacção como metodologia para minimizar tais dificuldades, intervindo ao longo dessa atividade, orientando para que os alunos pudessem revisar seus textos adequando-os ao gênero, carta de solicitação, de forma a atender ao seu propósito comunicativo, estudamos junto com os alunos os aspectos gramaticais, lexicais e discursivos.

sivos que necessitavam de revisão.

Dessa forma, como amostragem, foram selecionadas 4 produções, um texto de um aluno de cada turma, visto que na referida escola há 4 turmas de 9º ano, distribuídas nos turnos matutino e vespertino. Destacamos que as atividades foram realizadas em dois momentos, um para produção e outro para refacção, embora reconheçamos que esse processo de refacção exija mais etapas de realização. No entanto, as poucas versões justificam-se, em determinado aspecto, pela resistência que os alunos apresentaram em relê e refazer seu próprio texto, resistência essa, possivelmente, fruto de um longo percurso da ‘prática do escrever por escrever’. Acreditamos que a mudança de tal postura do aluno, demanda tempo e persistência, o que somente pela regularidade desse tipo de atividade poderá ser modificada. Assim para análise, aqui apresentada, foram selecionadas as duas versões de cada texto.

4. Resultado e discussão

Nestas produções, foram feitas anotações de acordo com o que foi observado e que poderia ou até mesmo deveria ser adequado ao gênero próprio da carta de solicitação. Pois, de acordo com Possenti (2008, p. 30), “A noção de gênero deve ser levada em conta quando se trata de avaliar se um texto está bem-escrito ou não. Isso porque há gêneros de estilo mais maleável...” e outros menos maleáveis, como é o caso da carta de solicitação, que é um documento oficial.

Dentre algumas características do gênero trabalhado em sala, destacamos a questão da finalidade e da estrutura. Na reescrita, os alunos inseriram local e data; identificação do destinatário; vocativo; corpo do texto, seguido de argumentos que justifiquem o discurso manifestado, isto é, as demandas solicitadas, expressão de despedida e assinatura. Como se observa nos anexos desse trabalho, comparando-se a 1ª e a 2ª versões dos textos.

Vejamos alguns itens representativos de alterações no processo de refacção dos textos:

- Justificativas das pautas de solicitação

Os alunos foram orientados a justificarem os itens solicitados, através da organização dos assuntos abordados. Como se observa a seguir:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(texto 3, 1ª versão)

...ampliação no número de salas, pequenas reformas na quadra, se possível melhora na qualidade da merenda...

(texto 3, 2ª versão)

*...ampliação no número de salas **pois as vezes vemos uma sala com 40 alunos, fica muito cheia**, pequenas reformas na quadra **por que quando chove a quadra literalmente alaga apesar de ser coberta...** (...) melhora na qualidade da merenda, **pois é preciso está sempre forte.***

- Alterações para a coesão textual

Fizemos observações quanto a pontuação, adequação dos verbos, paragrafação, organização das frases, etc. Vejamos alguns fragmentos da primeira e da segunda versão de um dos textos:

(Texto 1, 1ª versão)

Gostaria que minha escola fizesse mais gincanas, brincadeiras, jogos interclasses, para todos os alunos da escola, seria muito divertido para sairmos um pouco da rotina escolar.

(Texto 1, 2ª versão)

***Solicito que haja** algumas mudanças nas atividades que a escola **oferece** aos alunos. Algumas coisas que a escola pode fazer são: gincanas e jogos interclasses mensalmente. Seria muito melhor, pois iríamos sair um pouco das aulas que muitas vezes ficam cansativas.*

Observa-se que a partir da reescrita, os textos ficaram mais organizados discursivamente e coerentes. Considerando-se que, de acordo com Geraldi (2006, p. 74):

Essencialmente, a prática de análise linguística não poderá limitar-se à higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a ‘correções’. Trata-se de trabalhar com o aluno o seu texto para que ele atinja seus objetivos junto aos leitores a que se destina.

Vejamos os fragmentos abaixo:

(texto 2, 1ª versão)

Gostaria que arrumassem a quadra da escola porque e poucas brincadeiras que podemos fazer nela, queria que arrumassem a sexta de basquete, a rede de voley, pra nois alunos aprender e se divestir...

(texto 2, 2ª versão)

Outra mudança importante seria a recuperação da nossa quadra porque do jeito que está são poucas as brincadeiras e esportes que podemos praticar nela.

- A importância do léxico na construção de efeitos de sentido

Apontamos ainda a questão da importância das palavras para a construção dos efeitos de sentido. Na reescritas verificamos que alguns vocábulos foram suprimidos e outros inseridos.

(texto 4, 1ª versão)

*Seria bom se tivesse **cursos** na escola como **curso** para ensinar músicas, **curso** para ensinar a tocar instrumentos, curso de danças etc.*

(texto 4, 2ª versão)

*Se tivesse cursos para trabalhar mais o **desenvolvimento educacional** dos alunos seria melhor. Um dos cursos sugeridos para a **educação e preparação** para o **futuro**, é um curso que ensine tocar alguns instrumentos.*

Quanto a questão da adequação do léxico, já comentado acima, Possenti (2008, p. 41-42) destaca que:

Conhecer uma língua não é apenas conhecer as palavras em estado de dicionário, mas os campos semânticos a que pertencem e em quais contextos poderiam ser usadas. É saber escolher as que seriam mais produtivas (eficientes, convincentes, persuasivas) para construir os efeitos de sentido desejados [...] Dessa forma, a escolha lexical é um aspecto que deve ser considerado no processo de (re)escrita e também na leitura de textos.

Nesse sentido, procuramos considerar, na medida do possível, o estilo de cada aluno no que se refere à forma de escrever, utilizando determinadas palavras e expressões que fazem parte do vocabulário de cada um, comprovando a presença de variações linguísticas inerentes ao ambiente em que estão inseridos.

Destacamos que essa proposta de trabalho faz parte da nossa rotina em sala de aula, com o intuito de auxiliar os educandos em suas práticas de leitura e escrita, aprimorando seus conhecimentos para que sejam capazes de fazer uso adequado do aprendizado adquirido em suas práticas de letramento escolar e social. E ainda, na efetivação dessa prática enfrentamos resistência do próprio aluno quando solicitado a ler e refazer

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

seu texto, como se percebe pelas poucas versões das reescritas aqui apresentadas. Reconhecemos que esse processo é gradual e exige, para se chegar a um resultado consistente, tempo e persistência.

5. *Considerações finais*

Nesse processo de refacção, intentamos fazer com que o aluno conhecesse e refletisse sobre os recursos da língua que dispunha para produzir seu texto, isto é, para que percebesse os problemas de organização de ideias, paragrafação, estrutura e, assim, reconhecer a relevância dos elementos linguísticos necessários na produção de um texto que atenda as suas propostas comunicativas.

A partir de nossas experiências de trabalho com o processo de refacção do texto escrito, em sala de aula, acreditamos que essa prática é viável e produtiva para o ensino da norma culta, dos recursos da língua, numa perspectiva discursiva, gramatical ou textual. Uma vez que por meio da mediação, o professor encaminha o aluno a realizar sua leitura, refletir sobre sua escrita e perceber a funcionalidade dos recursos da língua para produção de sentidos em seu texto, encaminhando para um aprendizado efetivo e competente de uso da escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. 18. ed. Campinas: Papirus, 2012.

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática*: por um ensino de língua sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.

BAGNO, M. *Português brasileiro?* Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stela Maris. *O professor pesquisador*: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais (PCN)*: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CUNHA, Renata Barrichelo; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Sobre Pesquisas: um exercício e alguns ensaios. In: ____; _____. (Orgs.). *Percursos de autoria: exercício de pesquisa*. Campinas: Alínea, 2007.

FRANCHI, Carlos. *Mas o que é mesmo “gramática”?* São Paulo: Parábola, 2006.

GERALDI, João Wanderlei. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. Unidades básicas do ensino de português. In: _____. (Org.). *O texto na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MATTOS E SILVA, R. V. *Tradição gramatical e gramática tradicional*. São Paulo: Contexto, 2000.

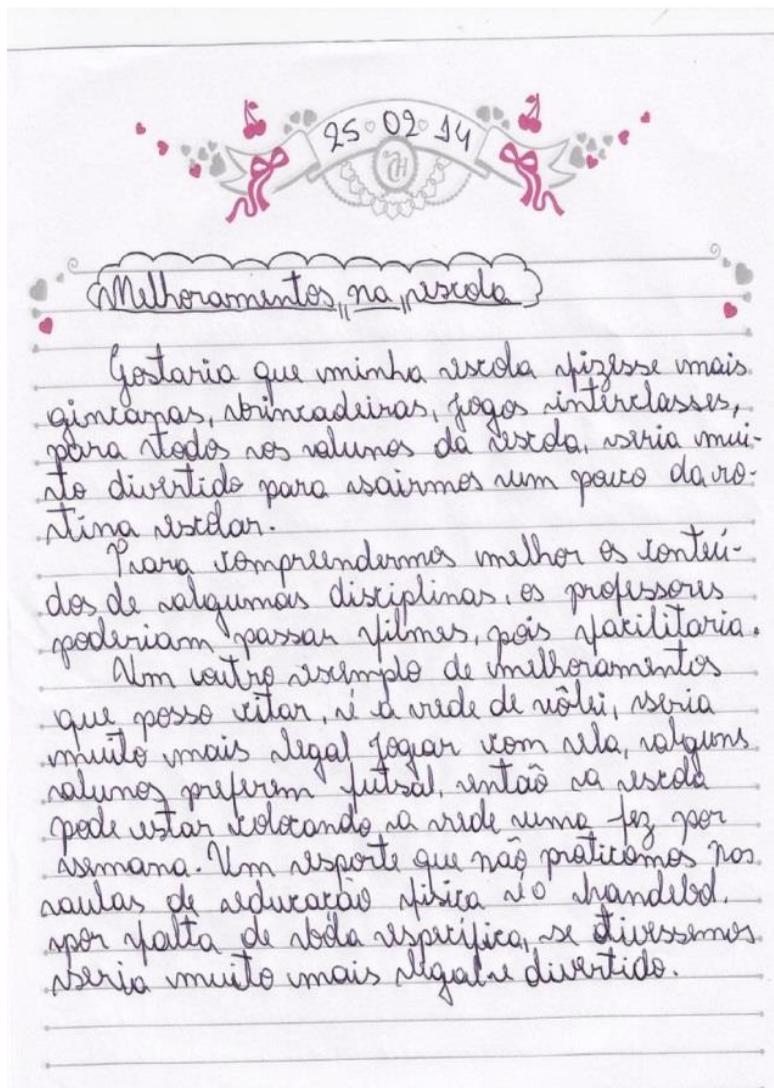
POSSENTI, Sírio. *Reescrita de textos: sugestões de trabalho*. Campinas: Cefiel/IEL/Unicamp, 2008.

SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia; CAVALCANTI, Marianne C. B. Trabalhar com texto é trabalhar com gênero? In: _____. (Orgs.). *Diversidade textual: os gêneros na sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987)

VII ANEXOS

TEXTO 1, 1ª VERSÃO



TEXTO 1, 2ª VERSÃO

Buriti do Tocantins, 13 março de 2014.

Senhora diretora,

Solicito que haja algumas mudanças nas atividades que na escola refere aos alunos. Algumas coisas que a escola pode fazer são: mais ginásticas e jogos interclasses mensalmente. Seria muito melhor, pois iríamos sair um pouco das aulas que muitas vezes ficam cansativas.

Gostaria que a senhora sugerisse a alguns professores que passarem, quando necessário, filmes, para facilitar a compreensão dos conteúdos.

Nas aulas de educação física, gostaria que fosse praticado o handebol, um esporte que vários alunos gostam, e que vedassem, red de vôlei para que fique melhor na prática desse esporte.

Grata pela atenção.

Antonia Eduarda Castro Alves.



→ Diretores de Escolas

Gostaria que, na escola Vicente Carlos todas as salas tivesse quadro branco, que é o caso de 9º D que não tem, que todas as salas tivesse pelo menos ventiladores de qualidade, carteiras confortáveis e confortáveis.

Que nos lanches colocasse mais sucos, bolos, sopa, biscoito, tortas etc. Que tirasse um pouco desses lanches, caudo etc.

Gostaria que, arrumassem a quadra da escola porque é poucas brincadeiras que podemos fazer nela, queria que arrumassem a sexta de basquete, a rede de vôlei, pro nós alunos aprender e se divertir, e que na sala de computadores possam arrumar os que estão quebrados para que todos nós alunos venha fazer nessas atividades e trabalhos.

TEXTO 2, 2ª VERSÃO

2

Buriú do To, 13 de março de 2014

Senhora Diretora,

Solicito que sejam encaminhados ao governador do Estado do Tocantins, as seguintes sugestões de melhorias para a escola ficente Carlos. Gostaria que todas as salas tivessem quadro branco, pois alguns professores e alunos têm alergia e seria melhor para a saúde deles, que não tivessem contato com o giz.

Seria também muito importante que as salas tivessem pelo menos ventiladores de qualidade e carteiras confortáveis.

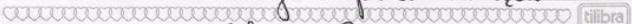
Gostaria também de pedir que a merenda fosse melhorada com mais sucos, bolos, sopa, biscoito, tortas, e etc e que não tivesse mais leite, caldo e macarrão. (argumento local)

Outra mudança importante seria a reestruturação da nossa quadra porque do fato que esta são poucas as brincadeiras e esportes que podemos praticar nela.

Para finalizar, gostaria também de pedir que os computadores da sala de informática, que estão quebrados, fossem consertados para que todos os alunos

pudessem fazer suas atividades e trabalhos.

Obrigada pela atenção


 Maria Paula A. de Castro

TEXTO 3, 1ª VERSÃO

melhorias escolares

Seu contato, portanto, que houverem algumas
mudanças na escola melhorias na estrutura
como: Ar condicionado, Ampliação do número de salas,
pequenas reformas na quadra, Se possível mel-
horar a qualidade da merenda e se não
for pedir muito gostaria que se inclu-
ssem contratos todos os professores
antes das aulas começarem sempre que
alunos começam faltam professores e isso
nem aqui na minha escola. Isso que
são melhorias que podem ser feitas
Até que com certa facilidade então
se poderiam fazer várias melhorias.

TEXTO 3, 2ª VERSÃO

2ª versão

13/03/2014

Buriti vila TO, L3 de Março de 2014

Senhora Diretora,

Constaria que haveriam algumas mudanças na escola, melhorias na estrutura escolar como: Ar condicionado, pois na região em que moramos faz muito calor principalmente de tarde, Ampliação no número de salas por as vezes como uma sala com 40 alunos, já muito cheio, Poderiam oferecer mais na quadra por que quando chega a quadra literalmente Abafa Apesar de Ser coberto... e A Reparação dos pontos de Basquete (que foram arrancados), melhorias na qualidade da merenda pois é preciso estar sempre farta. Uma coisa que atrapalha bastante é o fato de quando as aulas começam os professores ainda não estão contratados atrapalhando em 1, 2 semanas o início das aulas.

Melhorias simples que melhorariam o ambiente da escola.

Obrigado pela Atenção

Gustavo da Silva Torres



TEXTO 4, 1ª VERSÃO

Uma das coisas que eu queria que pudesse mudar na escola é os ventiladores. Trocar os ventiladores por ar-condicionados.

Seria bom se tivesse cursos na escola como curso para ensinar música, curso para ensinar a tocar instrumentos, cursos de danças etc.

Seria melhor ter mais professores para que não tenha professores cansados na sala de aula.

Os alunos passam muito tempo na escola, só que não é bom ficar esse tempo sentado numa cadeira de madeira. É melhor trocar essas cadeiras de madeira por algumas mais confortáveis.

Usar mais a sala de informática, não só para trabalhos mas para pesquisas e atividades.

TEXTO 4, 2ª VERSÃO

